

EXPERIÊNCIA DE AJUTÓRIOS AGROECOLÓGICOS NA FRONTEIRA DO BRASIL COM URUGUAI: O CASO DE SANTANA DE LIVRAMENTO

Cláudio Becker¹
Shirley G. da Silva Nascimento²
Luciane da Silva Acosta³
Mariana Rokcenbach de Ávila⁴
Daniel Hanke⁵

RESUMO

O diálogo de saberes que ocorre durante a realização dos mutirões, são indispensáveis para a construção do conhecimento agroecológico bem como para a criação de redes de relacionamento que fortalecem a articulação diferentes atores sociais, a exemplo agricultores, técnicos e estudantes. Assim sendo, o objetivo do presente artigo consiste em analisar a influência de mutirões agroecológicos em um grupo de certificação da produção orgânica no município de Santana do Livramento. A coleta de dados transcorreu da participação *in loco* na realização de três mutirões em propriedades que trabalham sob os preceitos da Agroecologia. Metodologicamente amparou-se na pesquisa qualitativa utilizando-se da observação participante, entrevista dialogada com os participantes, registro fotográfico e caderno de campo para anotações. Os registros foram sistematizados, analisados e descritos. Os resultados apontaram para a construção de um o pensamento plural obtidos por meio de diálogos entre diferentes os diferentes atores e as distintas formas de saber. Nesse processo, as informações se tornam acessíveis a todos, estimulam temas para a pesquisa a partir das necessidades concretas dos sujeitos do campo envolvidos neste processo. Diante deste cenário fica evidente que os mutirões possuem uma importância singular na construção e disseminação da Agroecologia.

Palavras-chave: Compartilhamento de saberes. Prática Agroecológica. Preservação ambiental. Fortalecimento do território.

¹ Professor Adjunto da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Campus Santana do Livramento, Rio Grande do Sul, Brasil.

² Professora Adjunta na Universidade Federal do Pampa, Campus Dom Pedrito, Rio Grande do Sul, Brasil.

³ Graduada em Agronomia, Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Campus Santana do Livramento, Rio Grande do Sul, Brasil.

⁴ Pesquisadora Visitante via FAPEG na EMBRAPA Clima Temperado, Pelotas, , Rio Grande do Sul, Brasil.

⁵ Professor Adjunto na Universidade Federal do Pampa, Campus Dom Pedrito, Rio Grande do Sul, Brasil.

RESUMEN

La construcción de conocimiento agroecológico, así como la creación de redes de relaciones fortalecen la articulación de diferentes actores sociales, como agricultores, técnicos y estudiantes. Por lo tanto, el objetivo de este artículo es analizar la influencia de los grupos de trabajo agroecológicos en un grupo de certificación de producción orgánica en la ciudad de Santana do Livramento. La recopilación de datos fue el resultado de la participación *in loco* en la realización de tres esfuerzos conjuntos en propiedades que funcionan bajo los preceptos de la agroecología. Metodológicamente, se basó en la investigación cualitativa utilizando observación participante, un diálogo con los participantes, un registro fotográfico y un cuaderno de campo para notas. Los registros fueron sistematizados, analizados y descritos. Los resultados apuntan a la construcción de un pensamiento plural obtenido a través de diálogos entre los diferentes actores y diferentes formas de conocimiento. En este proceso, la información se vuelve accesible para todos, estimulando temas para la investigación basada en las necesidades concretas de los sujetos en el campo involucrado en este proceso. En vista de este escenario, es evidente que los esfuerzos conjuntos tienen una importancia singular en la construcción y difusión de la agroecología.

Palabras clave: Intercambio de conocimientos. Práctica agroecológica. Preservación del medio ambiente. Fortalecimiento del territorio.

INTRODUÇÃO

A literatura evidencia que desde primórdios a sociedade está em constante transformação e adaptação a sua realidade. No meio rural, anteriormente eram priorizadas ações de reciprocidade e compreensão de se fazer parte de um agroecossistema e não de ser superior a ele além de considerar a construção de uma história do saber fazer transferida entre gerações, tanto de forma prática como através da fala (SABORIN, 2014). No decorrer do tempo e com a modernização da agricultura (HOFFMANN, 1996) estes princípios foram substituídos pelo individualismo e desconsideração do conhecimento adquirido através da observação ou comumente chamado conhecimento empírico.

Em sentidos mais estritos, voltados à prática agrícola, pode-se entender como construção do conhecimento um processo de acúmulo do saber edificado no tempo pelos

comunitários, no caso os agricultores (COTRIM; DAL SOGLIO, 2015). Neste contexto, temos as relações sociais estabelecidas e que não podem deixar de ser lembradas ou agregadas na atividade agrícola. Na percepção desta realidade surge a Agroecologia como uma ferramenta que permite o resgate histórico dessas relações e formas de diálogo, considerando questões sociais, ambientais, econômicas, etc.

A Agroecologia é uma ciência em construção (SOUZA; SANTOS, 2016) que tem suas raízes nos métodos e práticas tradicionais de manejo produtivo dos ecossistemas na qual se baseiam na valorização dos recursos naturais disponíveis em cada território. Assim, contrapõem-se aos processos tecnológicos impostos que desprezam os saberes que se apoiam nos conhecimentos acumulados ao longo de várias gerações especialmente junto aos agricultores familiares e populações tradicionais (SANTOS; CURADO, 2012).

Pode-se dizer que a Agroecologia proporciona resgates como, por exemplo, os mutirões, fundamentados na cooperação e ação coletiva visando alcançar os mesmos objetivos. A construção do pensamento Agroecológico dá-se por meio de processos participativos na qual agregam o conhecimento científico através de técnicos e estudantes, assim como, o conhecimento empírico adquirido pelos agricultores em sua observação diária sobre a natureza. Tais ações fortalecem a atividade agrícola ao englobar componentes socioculturais, econômicos, técnicos e ecológicos (ALTEMBURG *et al.*, 2015).

O mutirão, se encaixa no que pode ser considerado como um tema gerador de onde se irradia uma concepção pedagógica comprometida com a compreensão e transformação da realidade (LAYRARGUES, 2001). Rodrigues *et al.* (2013) afirma que a principal característica dos mutirões é a troca de dias de trabalho e saberes. Os agricultores, na sua relação cotidiana com o agroecossistema, seja nas práticas de produção agrícola ou nas formas de relacionamento comunitário, constroem um acumulado de conhecimento (COTRIM; DAL SOGLIO, 2015).

Para Ploeg (2008), a maioria dos grupos agrários atuais é formada por fusões muito diversificadas de diferentes modos de fazer a agricultura.

Mesmo que não seja um tema recente, os mutirões têm ganhado espaço em ações participativas que resultam em desenvolvimento sustentável, seja local ou regional através da troca de saberes e uma nova perspectiva sobre sua produção e forma de produzir que se diferencia entre os agricultores, pois na maioria das vezes estão inseridos em realidades diferentes, no que se refere a questões de clima, solo, tipos de culturas utilizadas e até mesmo sobre tratos culturais. Assim, os mutirões se tornam um espaço de aprendizado mútuo.

A Agroecologia reconhece as diferentes formas de saber, difundindo que a construção do conhecimento deva se dar em um diálogo de saberes técnicos e empíricos. Tomando-se como referência a importância dos mutirões agroecológicos, nos quais participam representantes desses distintos saberes, questiona-se: a) como se dá o processo organizacional e a realização desses mutirões? b) quais são os elementos socioculturais e técnico-produtivos presentes nessas atividades? c) é possível verificar de fato a troca de saberes e o estabelecimento de um efetivo diálogo entre os participantes? d) como os participantes se auto avaliam e percebem a participação dos demais integrantes nos mutirões Agroecológicos?

Para responder as indagações mencionadas acima, este estudo propõe verificar a influência de mutirões agroecológicos no município de Santana do Livramento, por meio de processos participativos que agreguem o conhecimento científico através da participação de estudantes e o conhecimento empírico adquirido pelos agricultores em sua observação cotidiana do ambiente

Agroecologia, diálogo de saberes e práticas agroecológicas

A Agroecologia se coloca em uma dimensão de campo de conhecimento, ou matriz disciplinar, com uma visão holística e uma abordagem sistêmica, estando caracterizada no campo da complexidade e da visão contemporânea de ciência (COTRIM; DAL SOGLIO, 2015). Segundo Altieri (2009, p. 23), a Agroecologia “trata-se de uma nova abordagem que integra os princípios agrônômicos, ecológicos e socioeconômicos à compreensão e avaliação do efeito de tecnologias sobre os sistemas agrícolas e a sociedade como um todo”.

A Agroecologia vem se constituindo como um enfoque alternativo tanto para os estudos do desenvolvimento rural como para o estabelecimento de uma nova forma de ver e entender o desenvolvimento agrícola na perspectiva da sustentabilidade (COPARAL; COSTABEBER, 2004). Ainda segundo os mesmos autores, evidencia-se a necessidade de mudar a ênfase convencional das ciências agrárias, tendo em conta as interações complexas entre pessoas, cultivos, solos, animais, etc., que têm lugar dentro de cada agroecossistema e de forma diferenciada entre eles.

Ainda no plano conceitual a Agroecologia constitui um enfoque científico que afeta e reúne vários campos de conhecimento (as diversas setas representam as contribuições que são recolhidas de outras ciências ou disciplinas), uma vez que “reflexões teóricas e avanços científicos, recebidos a partir de distintas disciplinas”, têm contribuído para conformar o seu

atual corpus teórico e metodológico (GUZMÁN *et al.*, 2000). Na busca de agroecossistemas sustentáveis, a Agroecologia adota como princípios básicos a menor dependência possível de insumos externos e a conservação dos recursos naturais (ASSIS; ROMEIRO, 2002).

A Agroecologia é uma ciência que surge na década de 1970 como formas de estabelecer uma base teórica para diferentes movimentos de agricultura alternativa que então ganhavam força com os sinais de esgotamento da agricultura moderna (ASSIS; ROMEIRO, 2002). A partir do resgate conhecimentos desprezados pela agricultura moderna e, ao contrário do que muitos dos seus críticos colocam, ao invés de representar uma volta ao passado, procura utilizar o que há de mais avançado em termos de ciência e tecnologia para criar agroecossistemas sustentáveis e de alta produtividade, que apresentem características mais semelhantes quanto seja possível às dos ecossistemas naturais (GLIESSMAN, 2000).

O “Diálogo de Saberes” é um método que pretende orientar as relações entre técnicos e camponeses e também, destes entre si, na qual vem sendo formulado e organizado a partir da demanda dos movimentos sociais do campo por organizar a produção da existência em bases agroecológica, como forma de resistência às investidas do agronegócio (TONÁ; GUHUR, 2009).

A palavra Diálogo em grego significa “um fluxo de significados”. O fluir de significados propicia a construção de algo novo, não existente anteriormente, um significado compartilhado, que é a cultura e que é o que mantém pessoas e sociedades unidas. O diálogo é a via de acesso para a democratização das identidades e saberes diversos (SORRENTINO *et al.*, 2013).

O Diálogo de Saberes pode ser considerado uma forma de produção de conhecimento sobre as particularidades dos agroecossistemas e a complexidade envolvida nesse contexto, através da síntese entre saber popular e conhecimento científico. Na forma que se propõe, pode ser considerado como pesquisa militante (TONÁ; GUHUR, 2009). Nele estimula-se a experimentação pelos camponeses, desde as formas mais simples até mais complexas e controladas, entendendo que ela pode motivar novos passos, até um planejamento (“desenho”) dos agroecossistemas (TONÁ; GUHUR, 2009).

Seu objetivo é a busca de um sistema de compreensão e planejamento dos agroecossistemas familiares ou coletivos, partindo-se da história dos indivíduos-sujeitos envolvidos e o ambiente que questionam, de modo a valorizar seus processos históricos, mas que diante e, além disto, busca correlacioná-los e problematizá-los à luz da história da agricultura e dos movimentos sociais a que pertençam e das potencialidades e limitações

ecológicas e agrícolas do ambiente local, de modo a alcançar o desencadeamento da experimentação em Agroecologia (TARDIN, 2006).

Segundo Dominique Guhur (2010), o Diálogo de Saberes é considerado também como uma possibilidade de integração entre diversas áreas unidades didáticas, como uma atividade que pudesse articular as diversas áreas do conhecimento, estabelecer conexões entre teoria e prática e estimular a pesquisa.

São requisitos ao diálogo: profundo amor ao mundo e aos homens; humildade, uma vez que, “neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais” (FREIRE, 2003, p. 81).

A evolução do conhecimento agroecológico exige que se estabeleçam canais de diálogo entre os conhecimentos dos agricultores, dos técnicos e dos cientistas, por meio de processos participativos.

Na pesquisa agroecológica, o conhecimento do agricultor construído ao longo de gerações é tão valorizado, quanto aquele fundamentado pela academia. Com esses dois conhecimentos acontece o diálogo de saberes que se traduz na construção do conhecimento agroecológico (SANTOS; CURADO, 2012).

O diálogo representa, ainda, uma maneira que o grupo encontra para participar de seu próprio processo de desenvolvimento (BUNCH, 1995)

Segundo Sevilla Guzmán (2006), o método do Diálogo de Saberes pode ser uma das formas encontradas para a articulação proposta entre formação de técnicos para o campo e formação técnica dos camponeses, uma interlocução entre o saber técnico/científico e o saber camponês, imprescindível, aliás, para implementação da Agroecologia. O método se propõe alcançar o redesenho dos agroecossistemas, para que estes funcionem com base em novos conjuntos de processos ecológicos, nível de transição mais avançado que é ainda pouco estudado e praticado (GLIESSMAN, 2001; CAPORAL; COSTABEBER, 2004).

Rodrigues *et al.* (2013) afirma que a principal característica dos mutirões é a troca de dias de trabalho e saberes. O mutirão é uma das expressões da solidariedade que, por sua vez, caracteriza-se pela construção de redes comunitárias, ressaltando os processos de companheirismo e boa convivência, formação de capital social em um ambiente de respeito e reconhecimento mútuo (MDA, 2007).

Os agricultores, na sua relação cotidiana com o agroecossistema, seja nas práticas de produção agrícola ou nas formas de relacionamento comunitário, produzem um acumulado de

conhecimento. Os métodos participativos são formados pelas ferramentas e técnicas participativas que se caracterizam pelas premissas de facilitarem ou organizarem o diálogo, o debate, e a troca entre os atores dentro da arena de construção de projetos sociais (COTRIM; DAL SOGLIO, 2015).

Os mutirões são formas antigas e tradicionais de trabalho e organização em que as pessoas se unem para realizar um trabalho ou uma atividade coletivamente. Algumas comunidades mantêm esta tradição realizando mutirões para ajuda mútua e solidária. No mutirão cada pessoa apresenta seu talento e realiza sua função numa vivência da diversidade que resulta num ambiente enriquecido (AMADOR, 2017).

Para Brandão (2005), a comunidade aprendentes são espaços educadores que têm uma nova concepção de viver pela partilha, pela cooperação e pela solidariedade. Os mutirões remetem aos círculos de cultura e aprendizagem que Freire (1987, p.84) apontava como “espaços de reflexão e empedramento dos cidadãos que, ao se organizarem, pensam sobre sua realidade e a forma de agir nela”.

O mutirão é um espaço de aprendizagem, de trocas de saberes, é onde os agricultores aprendem as novas técnicas Agrofloretais, às praticam de acordo com seus recursos cognitivos e seu contexto histórico e social transforma essas técnicas de acordo com seu saber e aplicam-nas à sua maneira. É onde eles se apropriam desses novos saberes, e trocam com seus companheiros com o objetivo de aprimorar o trabalho coletivo (SEOANE *et al.*, 2013).

Ainda, para Souza (2013), o mutirão pode ser compreendido como uma atividade comunitária que visa principalmente à obtenção de benefícios comuns as famílias camponesas para permitir a sua reprodução, tanto social, econômica, cultural, física quanto do conhecimento.

METODOLOGIA

A pesquisa que deu origem a este artigo assentasse em uma metodologia plural amparada pelo método qualitativo, pois considera, “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70).

Do ponto de vista prático, recorreu-se à observação participante, que se inscreve em uma abordagem na qual o observador participa ativamente nas atividades de coleta de dados,

sendo requerida a capacidade do investigador se adaptar à situação (PAWLOWSKI *et al.*, 2016).

A Observação Participante possibilita obter uma perspectiva holística e natural das matérias a serem estudadas. Contudo, os investigadores não devem valer-se apenas deste tipo de observação, apesar de toda a utilidade que apresenta. Nesse processo, os pesquisadores devem buscar articular teoria e prática, questionando-se sobre como e sobre o que está fazendo (MARQUES, 2016).

Universo de Estudo

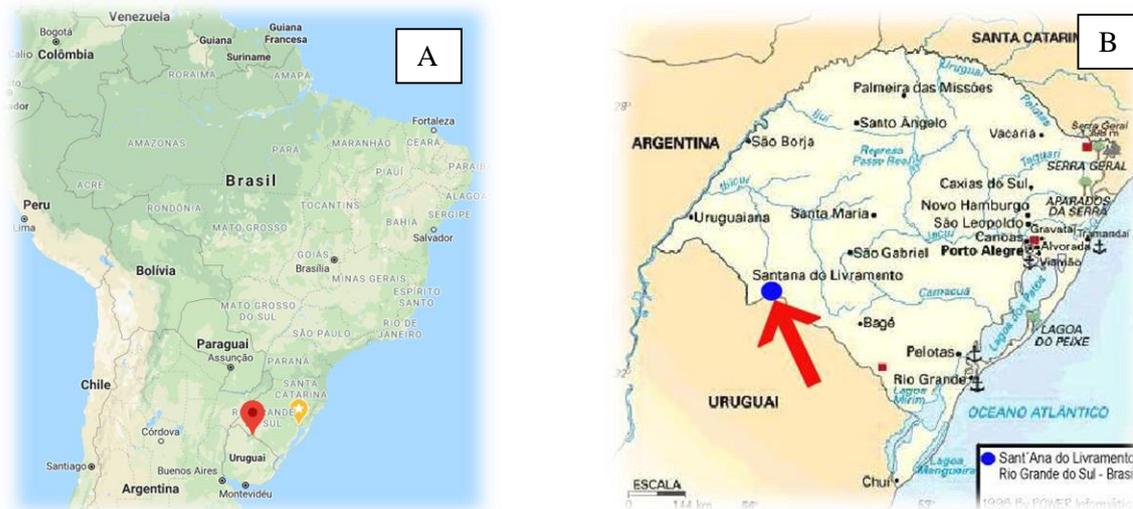
Foram selecionadas três propriedades conforme a disponibilidade no município de Santana do Livramento (Figura 1), onde foi realizada a prática de mutirões de acordo a necessidade de cada uma.

Na primeira unidade produtiva, a família, natural de Santana do Livramento, se estabeleceu na propriedade rural no ano de 2018 em função de um projeto criado no período de graduação (bacharelado em Agronomia, pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul), em que se teve a ideia de iniciar na atividade agrícola, pois gostaria de pôr em prática o aprendizado recebido e também realizariam o sonho de morar na zona rural.

O agricultor relatou que arrendou a propriedade de seis hectares, que anteriormente era utilizada para criação de bovinos de corte e atualmente a principal atividade realizada é o cultivo de hortaliças, sendo a couve manteiga, alface, rúcula, cenoura, acelga e rabanete as principais comercializadas. A venda das hortaliças é realizada semanalmente com encomendas feitas via Rede social e entregues a domicílio. Para a atividade tem disponível duas pessoas como mão de obra.

Na segunda propriedade, o agricultor recebeu a área total de dois hectares como herança dos pais, e o local é o mesmo onde reside desde a infância.

Figura 1. Localização do Universo de estudo. A) Mapa do Brasil, com destaque em vermelho para o município de Santana do Livramento, Rio Grande do Sul, Brasil. B) Mapa do Rio Grande do Sul com destaque em azul para o município de Santana do Livramento.



Fonte: Google Maps.

Na sua juventude trabalhou por um breve período no Frigorífico Swift Armour, mas retornou a propriedade e continuou a trabalhar com os pais no cultivo de hortaliças e criação de gado de leite. No momento atual, a principal atividade realizada é o cultivo de hortaliças como alface, couve, salsa e cebolinha, que são comercializadas de forma direta e entregues a domicílio. A mão de obra disponível é apenas do agricultor.

A terceira e última propriedade que integrou o estudo, apresenta uma área total de 31 há, na qual, tem como principal atividade o cultivo mandioca (*Manihot esculenta*), feijão miúdo (*Vigna unguiculata* (L.) Walp) e frutíferas. A mão de obra disponível é composta pelo casal, visto que seus filhos já não residem no município.

Coleta de Dados

As atividades atinentes ao estudo que originou o presente trabalho foram realizadas no segundo semestre de 2019, contando com a participação de agricultores, docentes e discentes da UERGS Santana do Livramento (Universidade Estadual do Rio Grande do Sul) e técnicos da extensão rural, para realização das atividades de forma coletiva.

No que concerne às anotações de campo, como são chamadas por Triviños (1987), são classificadas por ele em dois tipos: as de natureza descritiva e as de natureza reflexiva. Sobre as de natureza descritiva, destaca-se parte de suas observações” sob cada comportamento,

atitude, ideia, existe um substrato que não podemos ignorar se quisermos descrever o mais exatamente possível um fenômeno” (TRIVIÑOS, 1987, p.155).

O autor supracitado afirma ainda que, apesar de todo o cuidado que o pesquisador possa ter em suas descrições, sempre haverá diferentes descrições de um mesmo fato quando feitas por outros pesquisadores, devido às suas condições, à base teórica usada etc. Sobre as anotações de natureza reflexiva o destaque fica na reflexão sobre o que foi observado.

Conforme mencionado acima, recorreu-se também aos registros para registrar o universo estudado. Ressaltado por Batista (2003, p. 6), “o autor da fotografia, pois, mostra-se por meio de seus registros fotográficos. Produz registros repletos de intenções que podem ser estéticas, políticas ou epistemológicas, que poderão expressar beleza, serem politicamente engajadas ou que tragam conhecimentos”.

Análise dos resultados

Os resultados foram analisados através das técnicas de análise textual de discurso. Inicialmente realizamos a desconstrução e unitarização do corpus, posteriormente realizamos a leitura e significação do material para posterior categorização dos discursos e finalmente conduzimos com a descrição e interpretação (MORAES; GALIAZZI, 2016). Os resultados encontrados estão descritos e discutidos no item 4.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Processo de organização e realização dos mutirões

Como proposto inicialmente, para a realização dos mutirões os atores sociais não se tratavam somente de agricultores, mas também docentes e discentes e técnicos da extensão rural envolvidos de forma respeitosa para que nenhuma das partes desrespeitasse ou desconsiderasse o pensar do outro. Sendo a realização dos mesmos feitos via OCS (Organização de Controle Social).

Uma das principais características do OCS é a responsabilidade compartilhada. Assim foi criada uma comissão de visitas com técnicos, agricultores e consumidores que devem realizar, ao menos, uma visita anual a cada propriedade. Um dos principais critérios das regras de convivência do Grupo e permanência no mesmo é a participação nas reuniões, pois esse elemento é o que gera a garantia da qualidade orgânica da produção entre os envolvidos.

O objetivo das Regras de Convivência é buscar qualidade no processo de produção e consumo de alimentos e na relação social entre as pessoas envolvidas, além de melhorar as condições econômicas das famílias, utilizando o trabalho coletivo como gerador de confiança e credibilidade do grupo, constituído por agricultores familiares, consumidores e técnicos (CROSA, 2018).

Em meio a muita descontração e conversas envolvendo histórias sobre origem e forma de organização das famílias presentes, situações que construíram sua trajetória na agricultura e expectativas sobre o futuro, os participantes eram divididos em pequenos grupos para a realização de atividades diversas (Figura 2A), pois cada propriedade visitada apresentava diferentes características e necessidades específicas. Cada agricultor descreveu a diferença em sua forma de cultivo e manejo realizado, uso de ferramentas construídas e adaptadas na propriedade.

Foi realizada a limpeza de canteiros de forma manual e com enxadas, limpeza no entorno da área, aplicação de calcário a lanço, preparo do solo com uso de um tratorito, plantio de mandioca, ensino sobre corte e plantio de mandioca (Figura 2B), análise de experimento em andamento, preparo de substrato com casca de arroz, adubação de espécies frutíferas, colheita, entre outros.

Figura 2. A) Reunião para definição de tarefas e divisão de grupos; B) Momento de explicação sobre corte e plantio de mandioca.



Fonte: Autores (2019)

Desta forma, é possível afirmar que este período resultou em adiantamento de tarefas, pró- atividade, ganho de tempo, interação e união dos participantes, além, de incentivar o início de uma nova atividade como, por exemplo, iniciar o cultivo de uma cultura diferente das

existentes em sua propriedade ou até mesmo mudança em algum tipo de manejo ou percepção de seu sistema de produção.

Para organização dos mutirões em relação à definição de tarefas considerou-se a habilidade dos participantes e em alguns casos a inexperiência, mas que no momento se tornou uma oportunidade de aprendizado.

Figura 3. Agricultores no processo de limpeza manual em canteiros de hortaliças em ambas imagens.



Fonte: Autora (2019)

No processo de construção do conhecimento agroecológico a ação dos atores nas arenas entende como premissa que todos possuem um acúmulo de conhecimentos históricos e culturais, de forma individual ou coletiva, que fazem a promoção da sua inserção no mundo do saber (COTRIM; DAL SOGLIO, 2015).

Neste contexto, em meio à transdisciplinaridade e abordagem holística proporcionadas não há competições ou individualismo, mas sim uma construção em conjunto e fortalecimento da agricultura familiar quando se unem forças para atingir um mesmo objetivo, que é um desenvolvimento sustentável constante no decorrer do tempo e que abrange todas as áreas, seja social, econômica ou ambiental.

Pode-se dizer que a medida com que os atores sociais interagem (Figura 2), conseguem compreender o porquê das técnicas utilizadas pelo outro e assim exercer auxílio mútuo de forma mais eficiente, compartilhando o seu saber-fazer conectado com a teoria apresentada pelo conhecimento científico.

Caracterização de atores sociais e influência dos diálogos na construção de um novo conhecimento

O ser humano com sua capacidade de se reinventar muda constantemente e isto se dá principalmente através do diálogo, que promove a reflexão quando se expressa com palavras o pensar e ideias de cada indivíduo.

O diálogo nos faz transpor limites estabelecidos e gerar transformação e mudanças na realidade ao entorno, o que se tornou perceptível na convivência com os agricultores, através de suas escolhas feitas diariamente e motivadas pela observação e por acompanhar experiências bem-sucedidas de pessoas próximas e que sejam consideradas de confiança.

Desta forma, as atividades realizadas e diálogos existentes permitiram a caracterização dos atores sociais envolvidos nos ajutórios. Tornando possível identificar sua origem e relação com a agricultura.

Apresentam como característica principal o fato de serem receptivos a novos conhecimentos, disponibilidade em aprender e querer ensinar, além da grande habilidade com que realizam as tarefas já conhecidas no seu dia a dia.

Revelam uma relação homem-natureza de forma respeitosa e consideração aos ciclos naturais dos recursos disponíveis.

Preferem fazer escolhas que lhes dê segurança e que permita desenvolvimento de sua atividade na área disponível, que na maioria dos casos são áreas reduzidas e assim não podem sofrer perdas seja em produção ou tempo investido.

Portanto, quando por meio do diálogo os portadores do conhecimento técnico interagem com quem tem o conhecimento empírico, isto resulta em uma análise da realidade vivida pelos agricultores e assim é possível também realizar pesquisas baseadas em suas necessidades, ou, como diria o agricultor L.R., “É bom quando a gente se reúne, porque cada um sabe um pouco e acolhera as ideia”.

O momento de encontro em cada propriedade se torna um espaço de oportunidade, visto que, as informações se tornam acessíveis a todos, pois junto de técnicos da extensão rural e docentes, os agricultores conseguem sanar suas dúvidas a respeito de vários assuntos. Podendo ser desde preparo, cobertura do solo e adubação, plantio, fitossanidade e até mesmo sobre mercado e comercialização, uso de implementos e ferramentas antes desconhecidos (Figura 4). Como descrito na fala do agricultor O.G.A. “Hoje em dia está tudo mudado, tem coisa nova pra usar. No meu tempo a gente usava enxada e a força do braço”.

Figura 4. A) Agricultor utilizando tratorito pela primeira vez; B) Técnico da extensão rural explicando o processo de adubação em frutíferas.



Fonte: Autora (2019)

Com proximidade e diálogo constata-se a reflexão e comparação sobre o tempo e mudanças ocorridas, um resgate histórico e características de cada família, suas experiências e forma de organização no trabalho e com a família, expondo a existência de uma lógica que envolve suas escolhas diárias, não sendo algo ao acaso.

Este fluxo de informações se agrega e é construído algo novo, um novo conhecimento e que se torna parte destes atores sociais, ou seja, o processo de construção de um novo conhecimento dentro da realidade dos mutirões consiste na valorização das diferentes formas de saberes e influencia na forma com que os agricultores se relacionam o agroecossistema. Sendo os portadores do conhecimento científico participantes deste processo de construção (Figura 2) em forma coletiva, conduzindo as relações que são estabelecidas e mostrando novas possibilidades que não anulam o conhecimento transferido entre gerações e adquirido através da observação diária, mas que é algo complementar e enriquecedor.

A observação refere-se à análise e interpretação de algo ou um lugar e como dito anteriormente, a observação faz parte do dia a dia dos agricultores, o que lhes concede experiência.

Aragão e Silva (2012, p. 50) entendem que a “observação se constitui de uma ação fundamental para análise e compreensão das relações que os sujeitos sociais estabelecem entre si e com o meio em que vivem”.

Na prática conseguem observar o agroecossistema no qual estão inseridos e interpretá-lo, identificando suas potencialidades e ameaças, sejam internas ou externas. Neste caso, a construção de um novo conhecimento proporciona uma visão diferenciada do todo e auxilia a alcançar soluções diferentes para mudanças que sejam necessárias dentro deste sistema.

Um bom exemplo a ressaltar sobre esta temática, é a forma em que agricultores, técnico da extensão rural, docentes e discentes reunidos observam e discutem questões sobre características da área cultivada, tipo de solo, variedades utilizadas, problemas fitossanitário e ataque de insetos, sobre uma área cultivada com mandioca, no presente estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se pensa em trabalho coletivo não há como individualizar o processo, em que, todos envolvidos são parte importante, sejam agricultores, docentes, discentes ou técnicos, como apresentado neste trabalho, mas é importante respeitar o histórico e características individuais de todos, por isso, os mutirões foram organizados de forma a considerar as diferenças existentes entre cada indivíduo, identificando suas habilidades e dificuldades, tornado uma melhor definição e gerenciamento de tarefas.

No período de ajudírios foi criado um ambiente de diálogo sobre diferentes temáticas, pois os participantes estavam em um momento de conhecer uns aos outros e compartilhar suas experiências. Pode-se dizer, então que todas as partes foram beneficiadas, pois o diálogo ocorrido entre diferentes saberes proporcionou experiência a quem era conhecedor da teoria e pôde vivenciar na prática seu aprendizado, bem como os portadores de conhecimento empírico obtiveram uma base teórica para o que praticam diariamente.

Cabe ressaltar, a necessidade de difundir a cultura do mutirão como prática construtiva de um novo conhecimento, aproximação, inovação e criatividade, considerando o resgate histórico de saberes passados entre gerações e o conhecimento científico.

REFERÊNCIAS

ALTEMBURG, S. G. N.; Bezerra, A. J. A.; Schwengber, J. E. 2015. Percepção Ambiental e Agricultura Familiar em Rede de Referência: uma análise sobre práticas agroecológicas e qualidade de vida. 1. ed. Saarbrücken, Deutschland: **Novas Edições Acadêmicas**. v. 1. 150p.

ASSIS, R. L.; ROMERO, A. R. **Agroecologia e agricultura orgânica: controvérsias e tendências**. Paraná: UFPR, 2002. 20p.

AZEVEDO, E.; PELICIONI, M. C. Promoção da saúde, sustentabilidade e Agroecologia: uma discussão intersetorial. **Revista Saúde Social**, v.20, n.3, mar.2011.

BATISTA, L. J. C. Fotografia: instrumento de pesquisa em educação. In: I Jornada Latino-Americana e II Colóquio Brasileiro da AFIRSE – Association Francophone Internationale de Recherche Scientifique en Education. **Anais...** Brasília: 4-7 set. 2003, p. 1-15.

COELHO, Y. C.; ALVES, G. Q.; COSTA, M. C. Educação ambiental no ensino público: mutirão agroecológico como ação de conscientização. **Caderno de Agroecologia**, v. 10, n. 3, 2015.

COTRIN, D. S.; DAL SOGLIO, F. K. Construção do Conhecimento Agroecológico: problematizando o processo. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v.11, n.3, set.2015.

CROSA, C.F.R. **Análise das dificuldades operacionais do processo de regularização da produção orgânica pelos agricultores familiares do OCS de Santana do Livramento, RS**.2018. 56f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação - Bacharelado em Agronomia) - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Santana do Livramento,2018.

FAGUNDES, A. V.; NETTO, E. R. A influência dos grupos de Agroecologia na formação dos engenheiros agrônomos. **Cadernos de Agroecologia**, vol.11, n. 1, jun. 2016.

FLORIANI, N.; FLORIANE, D. Saber, ambiental complexo: aportes cognitivos ao pensamento agroecológico: **Revista Brasileira de Agroecologia**, v.5, n1, 2010.

GUHUR, D. M. **Contribuições do Diálogo de saberes a educação profissional em Agroecologia no MST: Desafios da educação do campo na construção do projeto popular**. 2010.267f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Gestão da Educação) - Universidade Estadual de Maringá. Programa de Pós-graduação em Educação, Maringá, 2010.

GURAN, M. **Linguagem fotográfica e informação**. Rio de Janeiro: Gama filho, 2002.
HOFFMANN, R. A dinâmica da modernização da agricultura em 157 microrregiões homogêneas do Brasil. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, Brasília, v. 30, n. 4, p.271-290, 1992.

MARQUES, J. P. A. “Observação participante” na pesquisa de campo em Educação. **Educação em Foco**, ano 19, n. 28, mai./ago., p. 263-284, 2016.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 33. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva**. 3. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2016.

OLIVEIRA, M. C. M. Sobre as (im)possibilidades da fotografia como fonte primária em História da Educação. In: PÔRTO JR., Gilson (Org.). **História do tempo presente**. Bauru: Edusc, 2007.

PAWLOWSKI, C. S.; ANDERSEN, H. B.; TROELSEN, J.; SCHIPPERIJN, J. Children's physical activity behavior during school recess: A pilot study using GPS, accelerometer, participant observation, and go-along interview. **PlosOne**, 11(2), 2016. E0148786. doi:10.1371/journal.pone.0148786, 2016.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <<http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/Ebook%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>>. Acesso em 21 jul. 2019.

SABOURIN, E. **A economia de reciprocidade: herança e desafio dos povos e comunidades tradicionais**. Cirad, França, 2014.

SANTOS, A. S.; CURADO, F. F. **Perspectivas para pesquisa agroecológica: diálogo de saberes**. Aracaju: Documentos Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2012.

SANTOS, J. C. *et al.* **Tópicos em Ciências Agrárias: Mutirão como ferramenta pedagógica para a construção de saberes Agroecológicos**. 1ª Edição. Belo Horizonte: Poisson, 2019.

SEOANE, Carlos Eduardo. *et al.* Atividades e práticas em coletivos de trabalho :mutirões em Agroflorestas Agroecológicos do litoral do Paraná, Brasil: **Cadernos de Agroecologia**, v.8, n.2,2013.

SOARES, A. *et al.* Construção do conhecimento Agroecológico: A experiência do coletivo de criação de galinha caipira no assentamento Carlos Lamarca: **Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Agricultura Familiar e Agroecologia** –NEA da Universidade Federal Rural da Amazônia, Campus de Capitão Poço, 2015.

Souza, J. O., & Santos, C. C. Construção e resgate do saber sobre a agroecologia através de metodologias de intervenção no processo pedagógico. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, 11(2), 16-18, 2016.

TONÁ, N.; GUHUR. D. M. O Diálogo de Saberes, na Promoção da Agroecologia na Base dos Movimentos Sociais Populares. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v.4, n. 2, nov., 2009.



TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.